

JOAQUIM FALCÃO FERRER

O r
N I T
O r r
I N
c
O S

L I S B O A
1 9 7 0

JOAQUIM FALCÃO FERRER

ORNITORRINCOS

LISBOA

1970

DO AUTOR

Publicados:

RAMPAGODOS — Romance

ILHA DOIDA — Romance

A MORTE SEGUNDO ESTÁCIO DE SAA — Poemas

OBJECTOS RECUPERADOS — Poemas

ORNITORRINCOS — Poemas

OBJECTOS DO SILÊNCIO — Poemas

Capa de J.F.F.

*Este livro
é para a VIRCA*

*Não creio nisso não quero
acreditar no que vejo...
— cabeça cortada de um santo?
de Cristo então não preciso!*

*e Deus seria uma sombra
e se é sombra pervertida
quem sabe seremos apenas
dos cachorros invenção?*

*A INVENÇÃO DOS CACHORROS/OU
A DESCOBERTA DO MENINO*

A PEÇA

Sou ator antes da peça
a que nunca foi escrita
— os ossos do pescoço
sabem porquê...

peça que ficará pronta
no dia em que vier
a maldita que anda a matar
— não poderei aprontá-la antes!

desculpem mas a peça
sou eu mesmo
com todos os defeitos e bandeiras
com que me enfeito

todos os dias a represento
real e picaramente
quando durmo ou quando penso...
— eu de mim nunca descanso!

olhem a primeira vez
que fui aplaudido
estava eu a nascer...
depois os vivas foram rareando

.

comecei a ser apupado ainda eu
nada sabia
depois aprendi a ler
e fui apedrejado

minha peça cá vai indo
navegando pelo fundo
desproporcionada realmente
para o meu físico e força!

EM NADA

Sento-me à escrivadinha excessivamente torneada
tiro o casaco de malha inglesa
ponho os pés na mesa
e penso em nada —

pensar em nada é um prazer
como ficar
no ar a ser cor

pensar em nada é ser antes de tudo —
o infindável
percorrer

pensar em nada é tudo possuir
sem ter
nem precisar

pensar em nada é fluir
sem haver nunca
antes ou depois.

ABRUNHOS DE FRANÇA

Acabrunho-me com os abrunhos de França
como-os com o caroço
comemorativo!

pinto quadros como quem pinta
os lábios
do universo

ponho pestanas postiças e madurecem
frutos
como dedos de criança

alimento-me de bagos improváveis
com pintas
de coléricas pinceladas.

MEU GOVERNO

Ao Luiz Lopes Coelho

Governo não me permitem
em meu estado interior
palácio onde me encontro
problemático e roxo —

sou este poder que não há
no espaço em que habito
é lá que desço e me dispo
de crisólitos objetos

tantas pessoas fui cá
que me canso cá de sê-las
às vezes nem acredito
que eu seja ainda quem está!

tenho um relógio prás horas
e um outro prós motivos
algum deles se atrasa
ou adiantado eu estou

oiço gritos e combates
quando olho para baixo
— reconheço lá uns olhos
onde estive antigamente.

AS PALAVRAS

Eu sei de palavras que se instalam
e mordem a mão
de quem se aproxima —
algumas viajam hirsutas e cruas
há palavras consagradas de homens
que as deixaram apodrecer...
e há as abstratas
como presença — dor — ameaça
amor — aplauso — distância
que me causam vida morte e violência

há quem lance palavras com asas e bico
como aves a voar
e quem se descuide prender
algumas que deixa fugir —
há palavras que se quebram
se cair as deixo no chão
e palavras que se usam
como flor na botoeira
e aquelas que se partem como nozes
para tirar o que está dentro...

.

há palavras redondas — torneadas — concessivas
palavras de barro de pedra ou de carne
palavras raras que estão em museus
e aquelas produtivas
usadas em economia
palavras que decidem guerras
palavras esculpidas
aquáticas
impalpáveis
palavras brancas e negras
palavras-tiros
e há quem tenha gavetas cheias secretas
de palavras indecentes
desonestas
preocupantes

e há concessionários de palavras —
quem as compre quem as venda
quem as produza
e quem as traga em malas
clandestinas e modernas

quanto às minhas palavras — vou gastando
as que penso poder gastar
mas possuo muitas acumuladas
que sei
não poder vir a usar nunca!

ENTRE MIM E O POSSÍVEL

Bandidos sentenciosos pediram licença
para tirar o chapéu
e matar

— pois façam o que têm a fazer
e descansem depois
sobre as novas situações

façam e tirem o chapéu...
toda a morte é inevitável — bem sei
e tirar o chapéu também

resolverei questões babilónicas
que nasceram agarradas
à minha futura mãe

a matéria tem propósitos
que me deixam
boquiaberto!

é claro que não durmo não posso dormir
com o ruído das palavras
na calçada...

.

deviam proibir o tráfego
a estas horas da noite
aos veículos reprováveis

entretanto agrava-se
dia a dia a paisagem que medeia
entre mim e o possível

pois sim eu sei — há palavras amáveis
com seu fundo aliás
desmontável.

LAVAGEM DOS PECADOS

Oh por que lavar das mãos
todos os dias os pecados!
— deixemos alguns ressecar

os pecados parciais amarelecem
como as flores
após perfumar-nos

os mais fundos originais pecados
sossegam roxos
sob os tetos imperecíveis

mas há outros—jocundos bem dispostos naturais...
uma saúde que não se ressent
e talvez deles se nutra!

QUEM AQUI ESTÁ

Quem aqui está não está cá
deve andar por fora à caça
da coisa que não se vê

o que importa é deslocar-se
mergulhar na consequência
do abrir e fechar porta

não é caça nem é pista
o que se julga encontrar
mas as plumas que se pensam

importante é desprender-se
ser a caça e caçador
dar o tiro que acredita

o que importa é ter cão
dar as ordens para baixo
—pra cima não pode dar

é ser governo de alguém
chefe de estado dum cão
ou capitão de piratas.

OS LUGARES

Nunca tive o lugar que me teve
retiraram-se todos
donde estou e onde estive

não sei por que hão de os lugares
ficar lá todos sem mim
tão ruim fico sem eles

mas talvez o que aconteça
é que lugares não existam
a não ser no que despejo

desses lugares tenho um
se bem me lembro ou sonho
onde durmo e onde amo

tenho desses pensamentos
que por amá-los eu tanto
lá fora nunca os encontro!

nenhum lugar me pretende
embora lugar fique às vezes
agarrado a mim a chorar...

.

eu sou quem tem de fugir
do lugar que não me quer
mas chora por eu não ficar

a não ser que seja eu próprio
esse lugar que provoco
mas onde morar eu não posso!

UM CÃO

Um cão
um cão de fora
chegou-me ao jardim com a língua de fora
e foi um tormento fazê-lo acreditar
que a vida é isso mesmo!

ele disse-me que sabia,
mas desconhecia
o que era saber...

ele disse-me que sabia
mas queria
outra vida mais festiva
(não deixava de ter razão!)

... e que
apesar de ser cão
não via razão
para o não ser!

e como eu também não visse,
deixei-o ser
o que quisesse.

QUANDO ELA BATEU À PORTA

Quando ela bateu à porta do meu quarto e não me
[encontrou...

e eu disse cá de dentro: — não estou!
eu não queria estar em nada
realmente nesse dia —

na rua alguém perguntou: — é você? és tu?
é vossa excelência relativa?
— sei lá se sou — respondi, sei lá quem é...
talvez eu hoje não seja
a coisa que se vê —

talvez eu hoje tenha subido
ao cano saudável do silêncio
nem sempre eu sou quem comigo se parece —
desconheço certas pessoas
que em mim comem que em mim tosse que em
[mim cospem

cada dia tem seu retrato
a preto e branco
e nem sempre lá me encontro
a rosnar e pensar alto

.

quando algures eu estiver, por força da vida — morto
então é possível que me encontrem
hoje amanhã o que fui ontem...
— não vou mudar assim de repente
depois de morto e bem disposto

poderão examinar-me concluir-me converter-me
terão todo o tempo para dizer-me
o que afinal pretendem de mim
e poderão pôr-me nas mãos qualquer papel
que queiram que eu engula ou decore...
— mas hoje não estou não fico não ficarei
não concordo
com a existência de ninguém!

PERFURAÇÃO

Pensar como
aqueles dias
se sinto a máquina
a perfurar-me

e tanto espanta
pensar quanto
sentimento
cá se esbanja!

instantes quentes
rememorados
guardo e gozo
inda em bom estado

preciso retê-los
comemorá-los
quando me seco

restos das horas
deito fora
se delas peço
ou delas como

.

andam de gatas
a esquadrinhar,
os arqueólogos

— pois que as achem,
limpem do pó
os ossos brancos

que tenho eu com isso
se já nem me lembro,
se ainda janto

às vezes acho
coisas que fiz
— mas estão por fazer...

DEBATE

Insistentemente declararam
que tudo era pequeno

outros afirmaram
que tudo era grande

muitos disseram
que tudo era nada!

nunca chegaram a saber exatamente
do que se falava

nunca souberam senão parcialmente
por que se batiam

eu no estado em que estava
não podia andar à chuva...

e deixei as coisas como eram
para além do tempo e da fadiga

na lua acharam uma cratera e uma garrafa
e querem que eu tudo justifique!

FLORIDO TAMBÉM SE MORRE

Satisfeito não nasci
nem tampouco indisposto
mas indulgente irritante

tive um sentido partido
no instante do nascer
— talvez que eu seja de vidro!

encontrei-me cá a nado
sem saber como nadar
e nada para aprender

poluída atmosfera
em que mordo e respiro
— saudades tenho da relva!

dif'rente de tudo eu sou
e de todos sou dif'rente
por isso não contem comigo!

ouvi alguém a cantar
e fui cantar a seu lado
e não conheço ninguém...

.

ajuntaram-se alguns outros
engrossou a multidão
— razões não vejo pra tanto

trazem granadas no bolso
atiram-nas como flores
— morre-se melhor florido!

CÃO DE PEDRA

Um cão de pedra falou
de granito de mármore — sei lá de quê...
— pedra que tinha opinião
e ladrrou
contra a vida que levava
a que não leva a nada
ali já empedernida

propunha-se descer
empreender
os mistérios da vida...
— por que leva um cão um osso
entre os dentes em vez
da carne esclarecida?

e outros enigmas brancos —
talvez para tudo entender
morder fosse preciso
ganir uivar...

era necessário descer,
antes de tudo
dispor de si
exercitar-se ladrar
— ter enfim uma política!

.

que havia de dizer-lhe
à pedra que falava senão
que obra d'arte também vive
respira e ladra na mente do artista
e de quem a contempla...

mas o cão
o ilustre cão o calhau
com cabeça e cauda, contestou:
que eu podia ter razão
mas era a minha — não a sua!

AQUELA BANDEIRA

Não concordo não entendo
não satisfaço ninguém...
— como hei de satisfazer-me
se nem a mim cumprimento?

abandonei procissões
— tinha eu dois ou três anos
inda guardo as bandeiras
que se faziam em meu quarto

e pintavam-se panfletos
— tinha eu dois ou três anos
inda mal usava dentes
para morder em mim mesmo

nem sei se valeu a pena
pintar-se tanta bandeira...
— inda eu não sabia ler
depois tudo corrompeu-se!

FUTURAS LEMBRANÇAS

Respirando descomprimo
as perfiladas angústias
— e dou-lhes pontapés brancos!

ouvi-as há pouco subir
as escadas que me restam
onde eu durmo a sono solto

sentam-se nos canapés
recostadas na palhinha
quase nuas insolentes!

passeiam em mim no jardim
e em cada flor que tocam
nascem raivas amarelas

essas flores são um mal
feitas de carne e má cor
com raízes no capacho

escorrem pingos nas paredes
como bolas de pavor
olhos cavos que atarracho

oh tantas coisas eu deixo
nos salões amontoadas
— essas futuras lembranças.

IMPRESSÕES DAQUELA NOITE

Através a noite
o leopardo assaltou-me
— por nossa mãe gritei e plo estado
a quem sigo e pago imposto

veio a polícia
a milícia
a infantaria
os canhões
os hipomóveis

e vieram
os pequenos cantores de viena
cantar-me
salmos de david

enquanto nada disso
veio salvar-me
consolidar-me
consolar-me
tratei-o pelo nome:
meu leopardo querido
meu irmão leopardo
meu amor de leopardo
meu chefe leopardo
meu bom leão...

.

ele então disse
que não era bom — era mau
e tinha
a natural ferocidade
de seus avós que eram criaturas
altamente eficazes!

sussurrei-lhe ao ouvido
o que pensava daquela sua atitude
parcialmente ilegal...

respondeu que nada sabia
(enquanto aguçava as unhas)
implicações não via
em comer sua vítima
que no caso era eu...
a fome mandava
e obedecia
quem era bicho e podia!

assim é que tudo se passou
naquela noite ablativa.

A MENINA

Umas aves de capoeira chamaram-me a atenção
afirmaram-me não ser de rapina
serem apenas o que a menina gostava
a menina lá de casa
a menina pequenina
a que já é crescida
foi enganada
e teve menina
inda mais pequenina...

suponho
nunca mais voltará para casa.

TERMÓMETROS

Os lídimos termómetros
iludiram-se nas temperaturas
e foram lançados às feras!

ah porque tal fizeram
a esses aparelhos?
afinal
não foram eles que se criaram!

culpa não têm
se graduação não está certa

são apenas
opinião
que um dia transferimos

— tudo o que são
são sintomas do que cá somos.

A CONSCIÊNCIA

Do espaço
é que eu trato agora
o imperecível o abstrato

o espaço fatiga-me
obriga-me
ao plano da quarta dimensão

o espaço rodeia-me
odeia-me
com seu ódio circular

o espaço é roxo
cor que não sei
a não ser em meu espaço particular

e tem
um olhar facetado e múltiplo
que me devora carnivoramente

entre mim e as coisas
infinitivas pessoais
o comerciável interpõe-se

.

fatigam-me ideias
de estar e não estar
e o receio de rasgá-las

mas terei todos as certezas
quando
não puder já tê-las!

bolas! depois de morto
que me interessa
saber isto...

— o que me agrava
e gera
ressentimentos

isso me escarva
e morde
os dedos dos cinco sentidos

tudo isso me esburaca e excede
— mas culmina
na faustosa consciência!

NU

Para defronte
de mim parti
ver-me dali
ver o que sou

ver-se de frente
é ver um outro
que outro vê
em contratempo

quem se vê só
de um lado sempre
não pode ver-se
em estado algum

dividir-se
em duas partes
e desprender-se
— é comparar-se

ver-se aqui
ver-se de lá
é ver nu
quem se viu nunca.

AS FACAS ESPADAS E OS ESPELHOS

Assassinaram-se os crimes
com suas facas
de memória!

situações que me lembram
estátuas
a brincar debaixo d'água...

amiúde celebro aniversários
contente e satisfeito
de consumi-los

só depois me lembro
dos espelhos paralelos
onde me arrisco tudo

sou eu lá ao fundo
a acender velas
a cantar loas...

é ridículo cantar bem
como eu canto
— mas é puro!

.

porém rasgo as flores de papel
para não
viverem para sempre

por que haveria o papel
viver
mais do que eu!

e dos crimes cometidos fazem vinho
depois bebem-no
pelos copos das espadas

— pois que o bebam
que o façam
que o sacrifiquem!

nas nossas prateleiras vivas
porém
é que essas coisas me encontram.

A FEIRA

Há uma bandeira e eu sigo atrás
como um ruído de milho
de porcos para a feira

agitam o cesto à frente
e eu vejo a bandeira
com o ruído característico

de qualquer maneira sou eu que vou
para alguma feira
indispensável

mas pulei fora
um dia destes
da lisonjeira carroça

agora aqui estou
estendido na calçada
à espera que me levem...

— há por aí muita feira.

EU E AS COISAS

Tive isto e aquilo e tanta coisa...
chego mesmo a pensar não seriam elas
que me tiveram!

de algumas coisas sei
que delas eu fui
ou nelas estou

coisas foram donas de mim
debruçadas sobre
meu estado inacabado

e essas que me amaram doidamente
com a exaltação
das coisas supérfluas

e ainda as insólitas coisas que me arrastaram
até
ao assassinio do rei!

e aquelas inadiáveis e ferozes
que quiseram converter-me
e dispararam-me tiros na pele

.

houve coisas medianamente satisfeitas
que me devoraram e deram
cama e roupa lavada

no jardim em baixo vi instalar-se insuspeitadas
coisas
a lambar-me as patas da cadeira

e todas as minhas dependências vi ocupadas
por essas e outras
contíguas formas

ah os salões onde durmo estão atravancados
com os resíduos sonoros
e rodas de borracha

coisas perfeitamente inúteis agarradas a mim
como animais domésticos de olhos aguados
à espera de comer...

e essas que de tanto se cumprimentarem
ficaram de mãos no ar,
com asas e rabo

pois tive estas e outras — felizes coisas
sobretudo aquelas
que não me encontraram ainda...

OS MONSTROS PARALELOS

Os monstros paralelos vieram vislumbrar-me —
reconheci-os pelas passadas
pesadas que em mim soaram

acolhi-os com este ar de cá não estar...
resolvi pô-los ao corrente de minha vida
deixei o orgulho numa esquina
a tomar vinho e sofismas

lembro-me de antigamente quando
vinham pastar-me —
viviam tranquilos
líquidos e ferozes

sob as escadas da consciência de pedra
quando os encontrava
atirava-lhes pedaços de carne sangrenta
— era disso que gostavam
e de ossos

ocultos e doentes
de não saber de quem eram
andaram por fora a curtir saudades
meus monstros
marinhos corrosivos otomanos...

.

que fazer das ansiedades
se os não encontro?
— delas se alimentavam à hora dos repastos
e eu podia dormir, sugestivo

sinto falta do apetite
desses meus antigos monstros
e do mal que me fizeram
— esse mal que nos convém
se faz bem ao nosso mal!

UNS POMBOS

Os pombos voaram
daqui dementes
— inocentes não sei se jamais
tornaram a ser!

voltarão
ao que todos vamos ter
aos protestados instintos

pombos são
quem fomos antes,
nossos
contrafeitos apetites

pombos são isto
e nossos alados conflitos.

PINTURA

A pintura favoreceu os pássaros
e vieram debicar cerejas
inadequadas!

se os pássaros pintassem
e pintassem os pássaros
viriam os gatos
devorar os pássaros

e se os gatos fossem
pintados bem
viriam os cães
trucidar os gatos

e contra os cães outros animais
cada vez mais ferozes
cada vez mais factos

até que os animais acabariam todos
sendo consumidos
por parte e culpa daqueles pintores eróticos.

PERDA DAS COISAS

Eu perco as coisas
que bem trato
e bato
nas úteis máquinas!

eu sou evidentemente
um facto

tenho a sensação
de ser a palma da mão
o lugar onde me encontro

lá vêm as máquinas
a trabalhar
na minha direção ...
— intenção sua
de perfurar-me —

querem abrir estradas
aqui onde estou—
o governo tem dessas
coisas terríveis!

.

no entanto eu amo
o governo que tenho
— ele é meu pai
não posso trocá-lo

toco violino
nos dias nefastos
e só nos úteis
redijo panfletos

saio às estradas
de mãos nos bolsos
a assobiar
compungido

— é que enterrou-se ontem
um dia destes.

A PEÇA PÓSTUMA

Há quem viva depois de morto
uma peça que não viu nunca!

há quem lá respire até
mais do que aqui respirou

morreram alguns na fogueira
e riem-se agora de nós

eram reis ou comissários
desses que enforcam depois...

outros — pais de família
em vida ninguém os quis

loucas de amor vi mulheres
por homem morto há cem anos!

grávidas muitas ficaram
desses seus ímpios enlaces

e penso até que há gente
desse comércio nascida.

AS AVES SITUADAS

As aves situadas no céu
preocuparam-me
— e detalhei-as!

as aves situadas no céu
que querem de nós
tão cegas?

assíduas como olhos
as aves do ar
hospitalares

vi-as ontem especular
o que de tempo nos resta
em nossas formas anfíbias...

ninguém lhes presta
aquela atenção que vieram
captar-nos

as aves situadas no céu
capitulares
que nos cercam e registam

naqueles seus olhos em prisma
escarvo
nossos imersos abismos.

AS IMAGENS NO TETO

Interpelo as imagens
de cabeça para baixo
no teto

e pergunto
o que a mim nem ousou
perguntar

todos os dias encontro
mortas algumas
que esperavam matar-me antes!

enterro-as é claro
e bebo
vinho por cima

vejo-as esvoaçar
por sobre a toalha
curiosa da mesa

tento matá-las
com a pá
de matar moscas

.

pousam-me nos braços e pescoço
algumas dessas
coisas melíferas

retiro-me —
ah tenho de escapar
às coisas que me cercam!

A COISA A VOAR

Sinto sono sinto este
bem estar de não sentir-me
a divertir-me pareço
mas o coiso rói-me todo!

sinto medo desconforto
de nunca mais acordar
ou acordar lá tão tarde
que por cá já não me encontre...

esqueci até os motivos
que me trouxeram aqui
e passo o tempo à procura
dos motivos que esqueci

descobriram lá um sonho
que tinha mais de mil anos
andava por cima a voar...
— dele agora que fazer?

já pensaram agarrá-lo
dar-lhe um tiro de espingarda
apedrejam-no os garotos
mas gosta lá de sofrer

.

cá em baixo fico à espera
de ver o sonho descer...
quem sabe se posso cortar
pedaço que me proteja?

não sei o que pensar devo
nem o que ele nos preenche...
— provenho quiçá de algum sonho
mais antigo do que eu!

ONDE ESTÁ QUEM

Onde está quem não está
e de mim levou
amada parte?

ah preciso saber
quem fez o que fez
do lugar em que estou

será esta escura mancha
informe caída
na toalha da mesa?

ou um rubro sinal
extenso que penso
ter visto no céu?

ou caroço afinal
no poço redondo
que faz um ruído?

ou terei de passar
vida toda a descobrir
o que talvez nem exista?

MURO

Desembarcaram-me nas costas soldados
dos estados imprevistos
e estou no quintal cercado —
da janela vejo os cadáveres dispostos
como se fossem pequenos encalhados barcos

fronteiras agora passam na minha rua
no meio precisamente e sobem
pelas paredes da casa
cortam a varanda em duas partes
e tudo cindem numa e outra coisa
e o vaso da roseira até secou
porque a terra está dum lado
e a roseira do outro
não há quem a regue
e morreu quem a amou —
separou até as crianças
que não se conhecem ainda e brincam
através da parede...

outro dia a macieira lançou ramos
por cima do muro e olhou o outro lado —
pois vieram cortar-lhe os braços
e bateram-lhe no rosto!

muro da minha paisagem esculpido
com o arame farpado onde cada dia vejo
pendurados novos corpos
como roupa a enxugar.

NOTICIÁRIO

Não procuro saber quanto...
— pago
e desapareço!

é esse o preço
das coisas várias
que vou deglutindo

engulo palavras
devoro latas
de mantimentos

fazem decretos
pululam apostas
nunca votei
e já não há tempo

acho um candidato
solto na rua
levo-o aos ombros
e me desfeiteia

— assim é que nunca
haverá por mim
quem fale e disponha!

.

sento-me no deserto
para ver miragens
ou apupar céu!

volto satisfeito
das coisas remotas
que vêm depressa

e mato um cão
de vez em quando

vendo canhões
não vendo pão

— canhão dá mais

e se os animais
dessem tanto
— vendê-los-ia!

mas não dão
por isso os mato
pra meus jantares

as máquinas esburacam
o que há
de opinião em mim

.

antigamente
o que havia
era eu!

agora o que há
são os outros
e me retirei...

matam artistas
só porque falam
e veem demais

embarcam-nos todos
para o grande círculo
do irmão ártico

que lá estão
sem um grito
dos seus nem dos meus

já gritei tanto
que agora estou rouco
e pensam que canto...

façam como eu:

— sejam maus
irritantes
inconvenientes!

.

recusem-se morrer
deem pontapés
na tundra mouca!

e não se assustem
não tenham pena...

quem mata já está
por cima de nós
— e lá ficará.

TENHO ESTE ASPETO

Tenho este aspeto de quem na rua
se perde perdeu
e antecede

tenho este aspeto de quem vem do ar
de quem sai do poço
e se reconhece

tenho mas é a experiência de um cão vadio
que ninguém quer
porque sabe ladrar

topei-o na rua e agora me segue
com uns olhos vagos de quem não sabe
quem é o dono...

ah terei de explicar-lhe que a gente
— sim a gente
também não sabe!

UMAS BOLAS DE SABÃO

Inconformidades serviram-mas
em enormes alguidares cobertos de algas
e longas ambiguidades

e o pedaço de céu que me deram
para cobrir-me
retiram-mo agora!

ah protesto e grito como um doido
falo até sobre um palanque
mas dão-me um tiro e decresço

amorfamente me queixo
ou deixo que alguém por mim chore
e se dobre o dia inteiro

trouxeram para cá o obelisco
que estava na paz do deserto
— por que fizeram dele isto?

e a mim o que fizeram?
puseram-se aqui numa praça
à espera que estátua oiça...

entretanto vou lançando
umas bolas de sabão
pra mostrar que estou atento.

CONVERSA COM

José Marinho

E foi disso que falámos
e do presente que cessa
recentemente exaurido

extorquimos candeeiros
ao futuro desmembrado
que se avizinha na ponte

há um injusto sentido
nas coisas que ressurgem
e parecem conhecer-nos!

foi do vazio que falámos
que agora preenchemos
só por falar no vazio

do oculto ser amamos
alguma coisa de perto
como um sonho numa caixa

do que falámos foi isso
e também do não-achado
que nos silêncios persiste

e até do que não somos —
pois não ser é também ser
enquanto dele cuidamos.

HISTÓRIA CURTA

Tudo apodrecia livremente
e fui para dentro nascer...

um cão passava pelas rosas
como eu passei pela vida

mas o cão passava total
enquanto metade eu passava

essa parte eu reservei-a
sem memória lá em casa

está num canto isolada
e chama por mim muitas vezes

sente tudo o que foi antes
mas não sabe a quem pertence

nada direi por enquanto
pois há gente que me entende

e mais um futuro entrevisto:
— un p'tit jardin sur le ventre.

VOO NOTURNO

Por parte dos deuses suponho
ou por artes maquinadas
nado no ar sem ter asas

mas guardo comigo o segredo
dessa minha faculdade
e do medo de perdê-la

mágicas minhas noturnas...
— são por certo artes más
as boas coisas que sonho

da mesma matéria dos sonhos
somos feitos, que as coisas
são talvez sonhos de pedra!

ONDE?

Se durmo não sei se durmo
e quando acordado indago:
— será isto estar acordado?

viajo de dentro pra fora
do extra tempo regresso
— fico a pensar no que penso

não sei acordado o que é
não sei se durmo o que sou
ou estou nalgum outro lado...

JÁ TANTA COISA ME ESQUECE

Já tanta coisa me esquece
ao nascer que ao morrer
é possível que me lembre

esqueço aquelas que merecem
um dia ser esquecidas
mas antes de ser — esqueci-as

só agora me recordo
desse pre-esquecimento
que rege as coisas mutantes

quando ali as encontrava
e perguntava quem eram
já nem de si se lembravam

e nada me respondiam
a não ser o que amavam:
esp'rança de serem pensadas...

participo de meus atos
mas passo a ser as lembranças
de meus atos antepassados

lembranças dão-me notícia
presenças que fui outrora
e andavam lá exauridas.

ORQUÍDEAS

As orquídeas eróticas
minéreas
corpóreas

as orquídeas rálicas
amantes
complexas

orquídeas de pedra
de sílex
sexuais

emergem dos tanques
púbis
e axilas

e flutuam sobre
minhas pálpebras lúdicas
sombras orquídeas.

CARAS E CARAS

Gente prefiro com cara de cão
do que cão com cara de gente!

o cão que me fita defronte
tem cara de fulanos que eu conheço

olhos boiando num charco
de renúncias e de circos

mete a cabeça entre as patas
e fica curto à distância

tem o pelo da cor do tapete
ponho-lhe os pés justamente

cão que não é cão é sempre
a coisa do mundo mais triste!

ABERTURA DA CAÇA

Os carneiros as vacas os leões pobres
que encontro nas matas —
— ah nunca me curo
de certas desgraças!

vivo da carne e dos sustos
que há nas matas e nos astros
percorro os pastos
onde meus animais me aguardam —
ah não se deixam abater facilmente
tenho de convencê-los primeiro
das fatais necessidades
em que são necessários
e eu necessito —

não raras vezes erro o tiro
e vou recolhê-lo adiante
inutilizado mas quente
— levo-o para casa e durmo

não é fácil caçar como eu caço
começando por falar à caça
explicando-lhe o sentido trágico de la vida...

.

ah mas penso e resisto ao pensamento —
meus animais são gordos e bonitos
e eu fraco
retrato
de mim mesmo

não sei porque vou para esses lugares
perigosamente sensuais
quando podia ficar em casa
à espera dos grandes almoços!

mas vou arrisco transmigro
expedições terríveis que faço
e vou até aos crocodilos
que choram
e eu levo um lenço nos braços

bem sei, a pistola — lembro-me agora
mas dei-a de esmola
a um pobre que uivava
agredido por um cego

sim é possível que eu mesmo
seja quem tudo provoque —
animais que pensam talvez como eu
aguardando a minha sorte
eu que sou quiçá a esperança de alguém
com os dentes de fora
e a alma envolvida em papel celofane.

PARTIDA PARA A ÁFRICA

Quando me decidi — parti para a áfrica...
e enquanto ia descendo o alfredo perguntou:
'onde vais tu que não vou?
'ali à áfrica — respondi
'à áfrica quente a que é da gente?
'naturalmente vou para lá...
— alguma coisa para lá?
'olha dá um abraço ao joão
e outro ao diogo cão e ao dias
o que era bartolomeu... e pergunta
se ainda há pedras por lá
dessas que interessam na vida...
'ah essas já acabaram
por falta de renovação —
'não sabia — traz-me então
uma pele dessas às pintas
naturais de animal de fantasia...
e duas peças de elefante — se te lembrares
e um pacote de charutos holandeses
e meia garrafa de uísque...
'pois sim vou ver se encontro...
'e já agora gostava de um animal de ter em casa
um neco que não seja rinoceronte...
'porquê tens medo dos rinocerontes?
'medo não tenho
é que não cabe lá em casa que é curta e pouca
para uma família enorme composta

.

de animais e parentes
toda atravancada de peças com pedais...
'talvez pianos verticais?
'desses e dos outros os de cauda
que são um verdadeiro horror!
vêm uma primas do interior e tocam
que é um horror! a quatro e oito mãos
com esses rapazes que as seduzem
e só pensam em casar
e tocam piano só para isso
e falam
várias línguas estrangeiras e difíceis
só para isso...
e cantam só para isso...
— olha se as queres conhecer — boas e bonitas
fica por aí vem ver
podias até casar
— era o mesmo que ir para a África...
ficavas lá em casa ainda há lugar
arranjava-se a cama
num piano horizontal...
'pois é mas tenho o lugar marcado
no mapa
— é o apelo interior da África!
'tudo isso ficava adiado,
adiar as ideias é até bom sinal
é preciso renová-las de quando em quando —
olha vem daí, vamos tomar uma ginja
e um prego de animal...

UM GATO PRETO

Atirei uma vez um gato preto por cima duma figueira!
— precisei fazer isso
para melhorar

agora estou melhor
das coisas
que sobre mim atiram...

à minha roda não há nada isento do pavor
que recrudesce
a cada ano que sobra

as minhas ideias gerais sofrem naturalmente
das minhas
particulares sugestões

e não é só sofrer — é luta bruta manifesta
tive certas ideias que foram simplesmente
afogadas no poço!

tenho um amigo que se serve de um simples copo
para assassinar
as suas

.

além disso escrevo livros para onde desterro
todas essas
que não quero não tolero não suporto

de vez em quando foge uma e vem ter comigo
— trato-a a pontapés
e a tiro de carabina!

ESCARAVELHOS

Quando eu era menino quando eu era infante
amava as coisas circunstantes
e as próximas certezas

enfiava
palhas em cus de escaravelhos para ver
como agiam pesadelos

deleitavam-se os reis antigamente a cortar
pernas e braços
a debelar cabeças...

— de reis e cadafalsos devo ter alguma coisa
pois saudades sinto
de todo o sinistro!

Purificaram-me as coisas cruéis
onde como
e descanso.

BEBEDEIRA

Esta bebedeira
do que escrevo
e não bebo...

bebedeira lata
que me alaga
o peito

é por ela que sei
do curso
do infinito

gozo do que penso
e bebo
do que deixo

coisas que me pesam,
grudo-as
no papel

faço colagens
com pedaços de pele
e cabelos do pescoço

... ..

mas ninguém compra
barbaridades
nem papel manchado...

só eu leio
aquilo que escrevo
e me surpreendo

bebedeira esquisita
esta que importa
nos lúdicos desastres!

AS PARTES

Dividido nestas quatro partes
quiseram assassinar-me
cada uma em separado...

— matar uma por dia!
propuseram-me — e deixar ainda alguma
prás fatais necessidades

projeto que me deixou
confesso
boquiaberto!

caso vier disso a morrer,
declaro — foi tudo o que por certo
me agarrou pelo pescoço

e se isto conto — é que uma parte
inda vivo
a descoberto.

O ENIGMA

À Inês Besouchet

E eu também quis empurrar...
porque empurrar alguma coisa
é uma coisa
que faz bem!

era preciso achar o quê
para eu bem empurrar...
— um tronco um penedo um troço
comboio nuvem ou bicho morto
— sei lá o quê sei lá quem...

era preciso achar um corpo
deitado na estrada
e dar o empurrão
da ansiedade
naquela direção decisiva
para os lados da bruma frígida...

mais perigos para viver
é que eu queria ou precisava —
ah! quem sabe, se tudo por causa
do leite
derramado no chão em criança!

QUE FAZER?

Então que fazer
senão
fazer nada!

nada é um consolo
que mata
coisa nenhuma

por isso não morre
o nada que se faz
nunca!

tenho um revólver
todo frio
na mão

... a que me sobra
do instinto
retocado

sei que é pouco
não há dinheiro
não há feijão

... ..

não há tempo
nem cadeira
de balanço

há só relento
esperança
e um pandeiro

e entretanto
escreve-se isto
do que me espanta!

DA CHINA

Faziam peúgas dantes as senhoras
de lã
para as criancinhas da china
da china
que lá em baixo malficava

mas agora que fazer?
as criaturinhas são tantas
tantas e não contentes
cos brinquedos de criança...

e lançaram mãos das espingardas
com dentes
de fora aos pulos
que receio já subam
— terríveis meninas —
por minhas costas acima!

ENCOSTADO NA PAREDE

Ao Domingos Monteiro

Encostado na parede
que me separa do passado...
— será talvez da parede
o frio que sinto nas costas?

da parede ou do passado
fui ver de cima do muro
cortei os dedos de graça
nos cacos verde-garrafa

defendem-se os muros a murro
medo que eu veja o destino
cultivo esses ferimentos
— gozo das dores que produzo

por que dizer isso tudo
já que a dizer não consigo
estancar o desastre
dos mundos que estão por fazer!

OS ÍNDIOS

Decidi-me ir para os índios
ensinar aos pequeninos
a lá serem os índios grandes

ora isso já sabiam
com enorme precisão
todavia serem índios!

fiquei sem outra função
senão tornar para aqui
com razão ou sem razão

de qualquer modo voltei
livre e desembaraçado
de ter que ensinar alguém

e cá estou espairecendo
e quanto antes amando
o amor satisfatório.

A NÃO DECIDIR

A não decidir o que penso
vida passo —
há tantas portas falsas
em meus intentos!

rosas brancas roxos lírios
nestes meus
jardins suspensos

amanhã mais do que é costume
apago o lume
e me subloco

para onde ir, se ao mundo
nunca desço
e giro sempre?

hei de partir um dia destes
suprimir o mar morto
atravessar a pé as guerras

quando encontrei o destino
andava na rua nu
meio roído dos cães e dos bichos

mandá-lo-ei consertar
se tiver sorte e dinheiro.

GLÓRIA DAS MÁQUINAS QUE SOBEM

Ainda anteontem tudo era perfeito
depois é que surgiu este ilógico sol!

as luas maravilham-nos ainda
embora se corrompam todos os dias

a corrida para os céus
desde que se inventaram as máquinas esvoaçantes
redobrou

destruiu-se o silêncio
que lá por cima era quase demência

foram povoar os desertos simples
com almas complexas e desgostos

o instinto deixou-nos cá nas fontes
e à sombra das parreiras

lá no alto tudo são números
exatos e circuncisos

os homens procuram os caminhos
desastrosos para as índias

que lá nos esperam no escuro
à espera deste abuso.

O QUE FAZER?

E pensarei
o que hei de
fazer da vida...

talvez a estrague
ou a dê
à lavadeira

talvez a dobre
e a meta
na gaveta

talvez a beba
com alguém
que quer beber

talvez a rasgue
e deite fora
os papéis

talvez a cure
destas últimas
dissidências

.

hei de ver
o que fazer
desta luta

talvez faça
o que nunca
ninguém fez!

por exemplo
papagaios
de papel...

talvez a leve
ver o grande
circo de moscou

talvez a pague
em suaves
prestações

mas se eu for
para a china
hão de chorar-me!

mas será tarde! será tarde!
sobretudo
inútil.

VIAGEM

Vejo o navio a partir
e vogo no mar vermelho
como antes de nascer...

sinto o navio a afastar-se
mas de mim é que se afasta
navio que vai a perder-se

ficam no cais as lembranças
brancas de pé a acenar-me
aceno meu lenço a chorar

estou no mar alto a descer
para algum lugar distante
onde em mim se perde o sol!

ÍNDICE

A invenção dos cachorros/ou a descoberta do menino	7
A peça	8
Em nada	10
Abrunhos de França	11
Meu governo	12
As palavras	13
Entre mim e o possível	15
Lavagem dos pecados	17
Quem aqui está	18
Os lugares	19
Um cão	21
Quando ela bateu à porta	22
Perfuração	24
Debate	26
Florido também se morre	27
Cão de pedra	29
Aquela bandeira	31
Futuras lembranças	32
Impressões daquela noite	33
A menina	35
Termómetros	36
A consciência	37
Nu	39
As facas espadas e os espelhos	40
A feira	42

Eu e as coisas	43
Os monstros paralelos	45
Uns pombos.....	47
Pintura	48
Perda das coisas	49
A peça póstuma.....	51
As aves situadas	52
As imagens do teto	53
A coisa a voar.....	55
Onde está quem.....	57
Muro.....	58
Noticiário	59
Tenho este aspeto	63
Umhas bolas de sabão	64
Conversa com José Marinho	65
História curta.....	66
Voo noturno	67
Onde?	68
Já tanta coisa me esquece.....	69
Orquídeas	70
Caras e caras	71
Abertura da caça.....	72
Partida para a África.....	74
Um gato preto.....	76
Escaravelhos.....	78
Bebedeira	79
As partes.....	81
O enigma.....	82
Que fazer?	83
Da china	85
Encostado na parede.....	86
Os índios	87
A não decidir.....	88
Glória das máquinas que sobem.....	89
O que fazer?	90
Viagem.....	92

Edição original composta e impressa
na
TIPOGRAFIA LOUSANENSE
Lousã

